



CONHECER O
PARQUE NATURAL
DA RIA FORMOSA



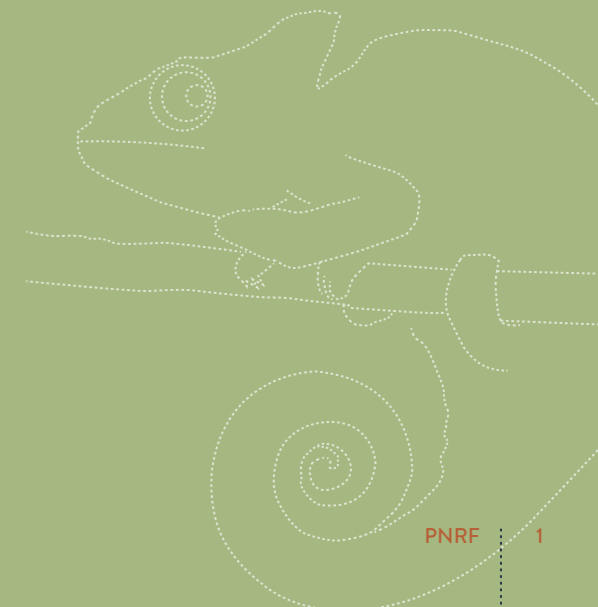


Ria Formosa, Olhão - DS



ÍNDICE

- 2 Como chegar
- 5 Conhecer o parque
- 8 *Habitats*
- 25 Atividades
- 32 Percursos pedestres
- 43 Pontos de interesse
- 48 Conduta na natureza





COMO CHEGAR



Sede do Parque Natural da Ria Formosa

- 1 Trilho de São Lourenço
- 2 Percursos do Ludo
- 3 Percurso do CEAM
- 4 Percurso da ilha da Barreta (Deserta)
- 5 Trilho da praia do Barril



- Asfalto
- Linha de água
- P.N. da Ria Formosa



COMO CHEGAR À SEDE DO PARQUE:

GPS: 37°1'58.63"N 7°49'18.42"W

Circulando na EN 125 no sentido Faro - Vila Real de Santo António, 1 km depois de Olhão, virar à direita na indicação "parque natural". Circulando pela A 22, sair no nó de Olhão e 1 km antes de Olhão virar à esquerda na indicação "parque natural". A partir daqui seguir em frente e, após passar a linha do comboio, chegará à sede do Parque Natural da Ria Formosa (PNRF).

HORÁRIO:

- » Da sede e Centro de Interpretação do PNRF: **das 9 h às 17 h**
- » Do Centro de Educação Ambiental de Marim:
Dias úteis: **das 8 h às 20 h**
Fins de semana e feriados:
Das 10h às 20h
- Encerra a 1 de janeiro, 1 de maio, 24 e 25 de dezembro**

O Parque Natural da Ria Formosa (PNRF)

estende-se ao longo de 60 km da costa algarvia, desde a Península do Ancão até à Manta Rota e ocupa cerca de 18 400 ha, distribuídos pelos concelhos de Loulé, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António. A maior parte desta área (11 000 ha) corresponde ao sistema lagunar da Ria Formosa, um cordão de ilhas e penínsulas arenosas que se estende mais ou menos paralelamente à costa, protegendo uma laguna onde se desenvolve um labirinto de canais - a descoberto na maré baixa - sapais, zonas de vasa, ilhotes, salinas e áreas de entrada de água doce (foz dos cursos de água que nela desaguardam como o rio Gilão e as ribeiras de Almargem, Cacela e São Lourenço). Uma parte do sistema lagunar encontra-se sempre submersa enquanto outra parte emerge durante a baixa-mar. A profundidade média da laguna é de 2 m.

O PNRF apresenta ainda uma faixa terrestre continental (7000 ha), constituída maioritariamente por aglomerados urbanos, pinhais e zonas agrícolas.

Toda a área se insere numa região de clima mediterrânico, com precipitações fracas e irregulares, temperaturas amenas e insolação elevada.

Diversos povos demandaram a costa algarvia ou aqui se estabeleceram desde o Paleolítico - cónios, romanos, visigodos e árabes. Esta relação Homem-Natureza, quando equilibrada, pode produzir paisagens de grande beleza aliadas a atividades económicas sustentáveis, como é o caso da aldeia e promontório de Cacela Velha, do recorte das salinas nos sapais da Ria Formosa ou do pomar de sequeiro na faixa continental.

Contudo, quando este equilíbrio frágil se rompe, as feridas na paisagem são evidentes e os impactos no património natural e cultural são bastante negativos. Foi o que aconteceu a partir da década de 60 do século passado com o crescimento do turismo no Algarve, que se fez de forma desordenada, construindo-se e degradando-se inexoravelmente toda a faixa litoral.

A criação da Reserva Natural da Ria Formosa em 1978 (Dec. n.º 45/78, de 2 de maio) visou, precisamente, proteger do crescimento urbano e turístico a zona lagunar, dado o seu grande valor ecológico, científico, económico e social, bem como defender de outros usos os bons solos agrícolas circundantes.

Em 1987 é reclassificada como Parque Natural (DL n.º 373/87, de 9 de dezembro), por se reconhecer que quase toda a zona era objeto de exploração

Chilreia *Sterna albifrons* - AG



dos seus recursos naturais e estava parcialmente humanizada, o que não se adequa ao estatuto de “reserva natural”. A criação do Parque Natural da Ria Formosa teve por fins:

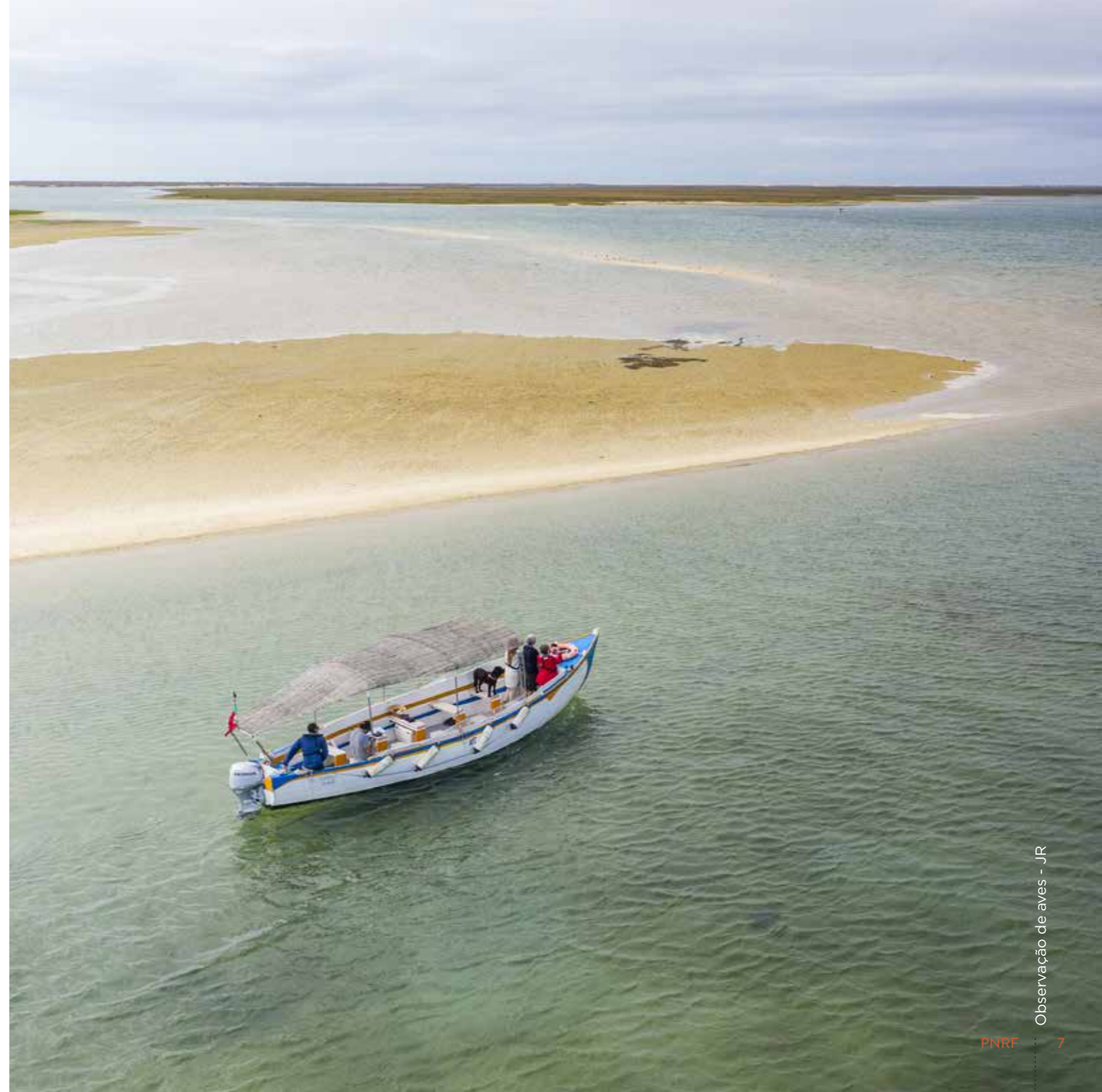
- » A preservação e defesa do sistema lagunar;
- » A proteção da fauna e flora e respetivos *habitats*;
- » O uso ordenado do território e dos seus recursos naturais por forma a assegurar a sua continuidade;
- » A promoção das atividades económicas compatíveis com a utilização racional dos recursos naturais;

» O ordenamento e a disciplina das atividades recreativas, por forma a evitar a degradação dos elementos naturais, seminaturais e paisagísticos, estéticos e culturais da região.

Decorridos mais de 40 anos sobre a classificação nacional da área, outros estatutos de proteção internacional se lhe juntaram, sendo os mais relevantes o de Zona Húmida de Importância Internacional atribuído em 1981 pela Convenção de Ramsar e a sua integração na rede europeia de conservação da natureza, Rede Natura 2000, como Zona de Proteção Especial para aves selvagens (DL n.º 384-B/99, de 23 de setembro) e Zona Especial de Conservação (DR n.º 1/2020 de 16 de março), enquanto *habitat* natural de flora e fauna.



Praia de Faro - HR



HABITATS

A ZONA LAGUNAR

A Ria Formosa é a maior zona húmida do sul de Portugal. A sua elevada produtividade biológica e a variedade de *habitats* existentes fazem dela uma área fundamental para a fauna aquática, especialmente para a avifauna e para muitas espécies de peixes, de moluscos e de crustáceos.

Habitam os fundos arenosos e lodosos da Ria Formosa populações de **anelídeos** (minhocas, poliquetas e outros), de **crustáceos** (caranguejos e camarões), de **moluscos cefalópodes** (chocos e polvos), de **moluscos gastrópodes** (lapas, búzios e lesmas do mar) e de **moluscos bivalves**, muito explorados economicamente, como a amêijoia-boia, o lingueirão e as ostras.

Ocorrem na Ria Formosa mais de uma centena de espécies de **peixes**. Umas são residentes, como é o caso dos cavalos-marinhos *Hippocampus hippocampus* e *H. guttulatus*, dos **cabozes** *Gobius* spp. e do peixe-rei *Atherina presbyter*, outras são migradoras como a enguia *Anguilla anguilla* e, outras ainda, vivem na Ria na fase juvenil, migrando quando adultos para o mar, como a sardinha *Sardina pilchardus*, a safia *Diplodus vulgaris*, o sargo *Diplodus sargus*, o robalo *Dicentrarchus labrax*, o linguado *Solea solea* ou o salmonete *Mullus surmuletus*, estas últimas com elevado valor comercial.



Cavalo-marinho-de-focinho-comprido,
Hippocampus guttulatus - JR



Poliqueta *Sabella pavonina* - MC



Lesma-do-mar *Felimida luteorosea* - MC



Pilrito *Calidris alba* - AG



Chilreta *Sternula albifrons* - AG



Garça-branca-pequena *Egretta garzetta* - HS



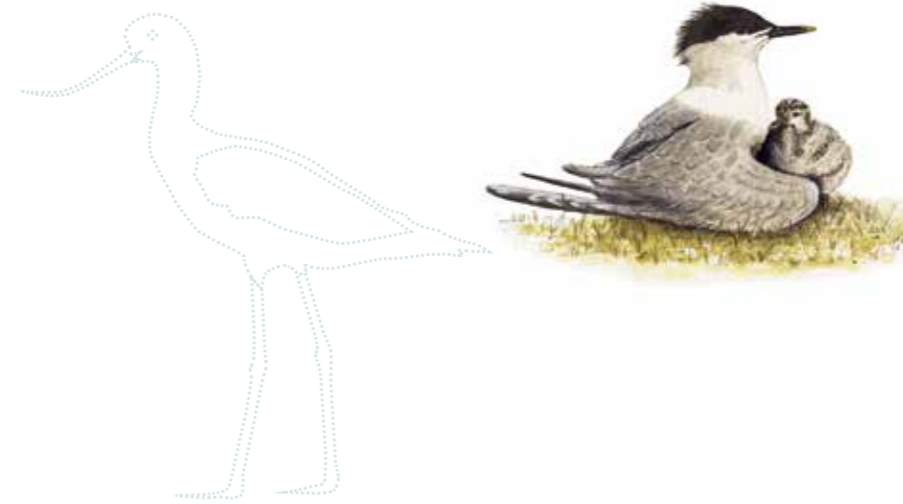
Galinha-sultana *Porphyrio porphyrio* - HS



A **avifauna** constitui um dos aspetos mais notáveis da Ria Formosa, contabilizando-se mais de duzentas espécies de aves, muitas delas raras ou em perigo.

Em época de invernada mais de 20 000 aves aquáticas concentram-se na Ria, sendo esta de extrema importância para as aves migratórias provenientes do norte da Europa que passam aqui o inverno ou utilizam a Ria como ponto de escala na sua rota rumo a África. De entre as espécies invernantes destacam-se **anatídeos** como a piadeira *Anas penelope*, o pato-trombeteiro *Anas clypeata* e o marrequinho-comum *Anas crecca* e **limícolas** como o pilrito-comum *Calidris alpina*, o maçarico-real *Numenius arquata* e a tarambola-cinzenta *Pluvialis squatarola*.

Igualmente importantes são as espécies **nidificantes**, das quais se destacam as populações reprodutoras de garça-branca-pequena *Egretta garzetta*, gaivota-de-audouin *Ichthyaetus audouinii*, borrelho-de-coleira-interrompida *Charadrius alexandrinus* e **chilreta** *Sternula albifrons*, os **habitats** (dunas e salinas) destas últimas espécies têm vindo a regredir mundialmente.



Uma nota especial para o **camão** ou galinha-sultana *Porphyrio porphyrio*, espécie residente escolhida para símbolo do PNRF nos anos 70 porque, à época, era uma das aves mais raras de Portugal e apenas existia na Ria Formosa.

Para além do grande valor faunístico que alberga, a Ria Formosa é também uma área de elevado **interesse botânico**. No que respeita à vegetação, elemento essencial para a preservação das espécies faunísticas, a zona lagunar encontra-se essencialmente dominada por sapal e por vegetação dunar. O primeiro é um ecossistema de grande importância, nomeadamente no equilíbrio do ciclo da matéria orgânica, enquanto a vegetação dunar contribui para a agregação e consolidação dos sistemas dunares e para uma proteção costeira mais eficiente.



Bórrelho-de-coleira-interrompida
Charadrius alexandrinus



Morraça *Spartina maritima* - JP

Lingueirão *Solen marginatus*



DUNAS

O **cordão dunar** é a defesa natural do continente contra o avanço do mar, os temporais e outros fenómenos climáticos. Nas ilhas-barreira da Ria Formosa, a ação do vento, das correntes e das marés modifica incessantemente o contorno das ilhas, que atualmente tendem a avançar em direção ao continente.

A formação das dunas é conseguida devido à instalação de vegetação natural, capaz de se adaptar às condições agrestes da orla costeira: insolação e aridez, ventos salinizados, escassez de nutrientes e mobilidade das areias, pelo que só espécies muito especializadas conseguem colonizar este meio. De entre as plantas presentes – quase meia centena de espécies – destacam-se as pioneiras na fixação dunar que se instalam na frente marítima da duna,



Duna - JP



como o **cardo marítimo** *Eryngium maritimum*, os cordeirinhos-da-praia *Otanthus maritimus* e o estorno *Ammophila arenaria*, cujas raízes muito longas conseguem segurar mais areia que qualquer outra planta. Atrás da crista dunar, já na zona baixa (interdunar) e abrigada dos ventos, há maior diversidade vegetal, surgindo espécies como o narciso-das-areias *Pancratium maritimum*, a **perpétua-das-areias** *Helichrysum italicum*, o **cravo-das-areias** *Armeria pungens* e muitas outras.

Fatores de degradação como o pisoteio e as construções fragilizam o cordão dunar, condicionando a sua existência. Outro fator de ameaça são as plantas invasoras como o chorão-das-praias *Carpobrotus edulis*, originário da África do Sul e as acácias. A proliferação destas invasoras junto à costa está a tomar, nalguns locais do país, proporções incontroláveis, descaracterizando o sistema dunar e pondo em risco a sobrevivência da vegetação nativa. Segundo a nossa legislação (DL n.º 92/2019, de 10 de julho), são consideradas espécies invasoras e é interdito o seu cultivo, comércio e introdução



na natureza.

Estorno *Ammophila arenaria* - ocorre em dunas e areais litorais, frequentemente em cristas dunares e dominando a duna primária. Observável todo o ano.



Floração: primavera.

SAPAL

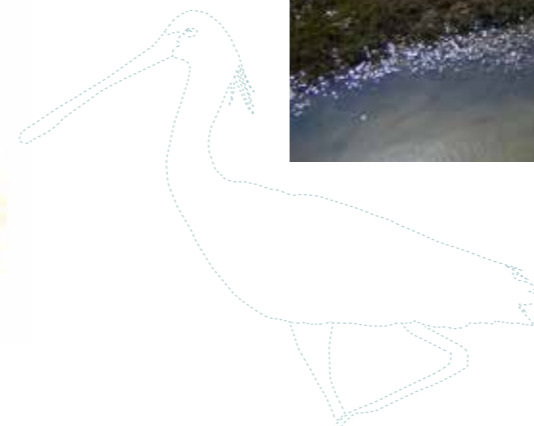
Os **sapais** são zonas de vegetação rasteira, constituída por espécies tolerantes à salinidade da água das marés que as banha duas vezes por dia. Formam-se na zona entremarés, em estuários e zonas costeiras abrigadas.

A vegetação do sapal apresenta uma sucessão florística à medida que nos aproximamos de terra e o período de submersão diminui. No sapal baixo, quase sempre submerso, domina a **morraça** *Spartina marítima* e, já em sapal médio, as espécies predominantes são *Halimione portulacoides* e *Sarcocornia perennis*. Esta vegetação tem a capacidade de reter poluentes, entre eles, herbicidas, pesticidas e metais pesados, atuando como um filtro.

Os **sapais**, graças à sua enorme produtividade, são das zonas mais ricas em biodiversidade do planeta. Por serem zonas abrigadas e disporem de grande quantidade de nutrientes constituem um bom local de refúgio, alimento e também de desova para numerosas espécies de peixes, de moluscos bivalves e de crustáceos e de nidificação de aves aquáticas, especialmente as limícolas.

As **limícolas** são um grupo relativamente diverso de aves que se alimentam de pequenos organismos (vermes, **crustáceos**, moluscos) que vivem enterrados no lodo. As várias espécies de limícolas possuem bicos e patas de tamanhos distintos que lhes permitem a recolha de alimento em estratos diferentes, diminuindo assim a competição entre espécies. É por isso comum observar bandos mistos de limícolas a alimentarem-se no mesmo local.

Morraça *Spartina marítima*
– gramínea bem adaptada à imersão prolongada em águas salinas, é a primeira colonizadora do sapal formando extensos relvados que promovem a estabilização dos sedimentos e abrem caminho à instalação de outras espécies halófitas. Observável todo o ano.
Floração: abril a setembro.



Borrelho-de-coleira-interrompida
Charadrius alexandrinus - HS



Perninlongo *Himantopus himantopus* - AG



Sapal - PM



Larva de linguado

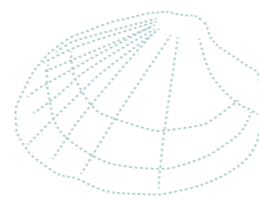
PRADARIAS MARINHAS

Na continuidade do sapal, quando a maré baixa, ficam a descoberto lodaçais e areais ocupados pela **erva marinha** *Zostera noltii*, vulgo sebarrinha. Este *habitat* alberga importantes povoaamentos de invertebrados (**moluscos**, anelídeos, entre muitos outros), que são um alimento de excelência para as aves que frequentam a Ria Formosa. Na sua vizinhança, em direção a águas mais profundas, aparece um outro *habitat*, os bancos de areias sem vegetação vascular ou ocupados por ervas-marinhas, não só a sebarrinha acima referida, como também a *Zostera marina* e a *Cymodocea nodosa*.

As **pradarias marinhas** são zonas de grande relevância biológica e ambiental para a Ria Formosa, pois são locais de refúgio de biodiversidade (locais de desova, maternidade), de alimentação, de eliminação-reciclagem de resíduos (imobilização de metais pesados), e de captação de carbono da atmosfera, contribuindo para a redução do efeito de estufa.

Este *habitat* tem vindo a regredir na Ria Formosa devido às atividades humanas, sendo as de maior impacto a ancoragem de embarcações e a instalação de viveiros de amêijoas e ostras.

Choco *Sepia officinalis*



Cavalo-marinho
H. hippocampus - JR



As **pradarias marinhas** da Ria Formosa são o *habitat* de uma importante comunidade de cavalos-marinhos.

Os **cavalos-marinhos** são peixes, nadam hirtos e deslocam-se lentamente. Alimentam-se de pequenos vermes, crustáceos e plâncton que sugam através do focinho tubular. *Hippocampus hippocampus* e *Hippocampus guttulatus* são as duas espécies existentes na Ria Formosa, que já albergou a maior comunidade de cavalos-marinhos do mundo. Os efetivos destas populações diminuíram drasticamente nos últimos vinte anos devido sobretudo a pesca ilegal, perturbação devida ao tráfego de embarcações e redução das pradarias marinhas. Em 2020 foram criadas duas áreas de refúgio na Ria Formosa, com o objetivo de travar o declínio da espécie.

FAIXA TERRESTRE

O PNRF compreende ainda uma estreita **faixa continental** (cerca de 7000 ha) bastante humanizada, onde permanecem alguns resquícios da antiga floresta mediterrânica.

Em vez da mata original de azinheiras, sobreiros, carrascos, medronheiros, oliveiras e alfarrobeiras (árvores de folha perene, adaptadas ao longo e seco verão mediterrânico), encontramos agora o pinheiro-bravo *Pinus pinaster* e o **pinheiro-manso** *Pinus pinea*, que dominam a paisagem litoral do sul do país. Sob os pinheiros ainda se encontram espécies arbustivas e herbáceas características da mata mediterrânica, tais como **tojos** *Ulex argenteus* ou *Stauracanthus boivinii*, alecrim *Rosmarinus officinalis* e rosmaninho *Lavandula stoe*

Apesar da pressão humana é ainda possível encontrar neste território alguns endemismos algarvios destacando-se, pela sua raridade, a *Linaria algarviana*, o tomilho-cabeçudo *Thymus lotocephalus* e o alcar-do-Algarve *Tuberaria major*.



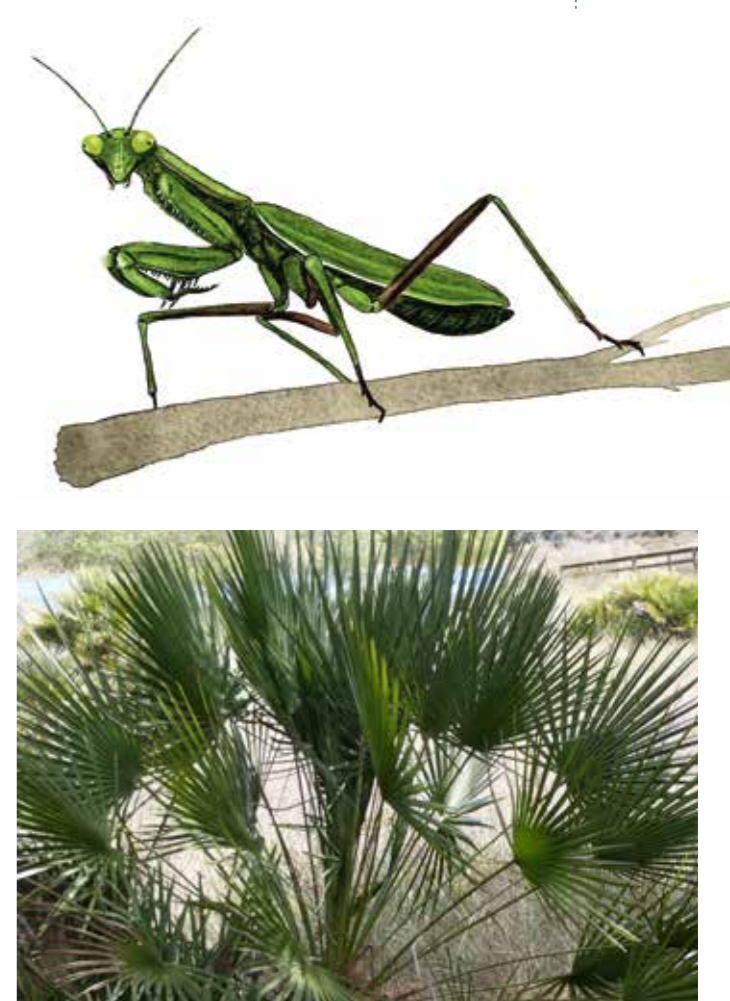
Alecrim
Rosmarinus officinalis L.



O **alcar-do-Algarve** *Tuberaria major* é uma planta vivaz, de pequenas dimensões e floração amarela. Trata-se de um endemismo lusitano, ocorrendo de forma limitada e descontínua no litoral e barocal algarvio. Fruto da crescente pressão urbanística, esta espécie encontra-se atualmente em perigo de extinção.



Chapim-azul *Cyanistes caeruleus* - RJ



Louva-a-deus *Empusa pennata*



Palmeira-anã *Chamaerops humilis* - PM

No que respeita aos **mamíferos**, o parque natural assume menor importância, contabilizando apenas 34 espécies. Porém, não deixa de ser de grande interesse a presença de espécies como a **lontra** *Lutra lutra*, a geneta *Genetta genetta*, o texugo *Meles meles*, ou de diversas espécies de morcegos que utilizam o parque como local de alimentação.



Tomilho-cabeçudo ou erva-ursa *Thymus lotocephalus*. Subarbusto com floração de abril a junho. Espécie de estatuto Vulnerável, que em Portugal ocorre apenas no sotavento algarvio, encontrando-se em maior número no Parque Natural da Ria Formosa, em pinhais abertos.



Lírio *Iris* sp. - HR



Camaleão *Chamaeleo chamaeleon*



Pinhal - JP



Salinas, Santa Luzia - DS

O HOMEM E A RIA FORMOSA

A Ria Formosa foi sempre fundamental para a subsistência das populações ribeirinhas, sendo a **pesca**, a **mariscagem** e a **exploração de sal** atividades milenares. A estas atividades vieram juntar-se, em meados do século XX, a aquacultura e o turismo.

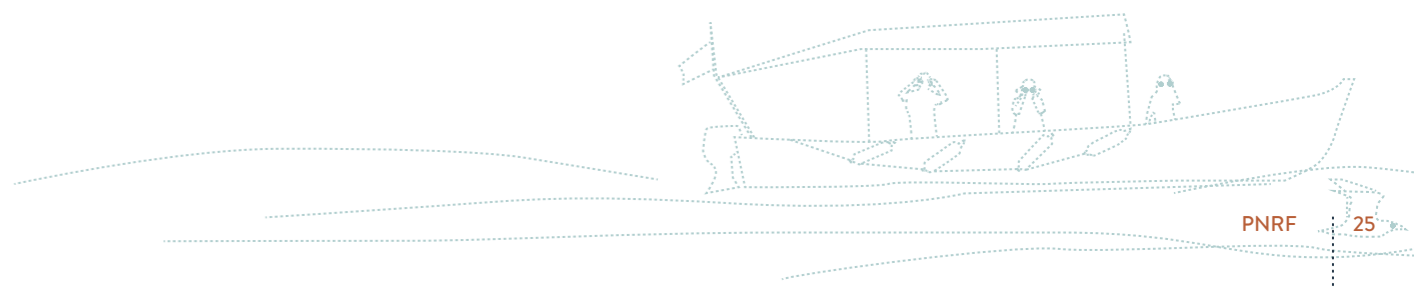
Hoje, tal como ontem, a Ria Formosa continua a ter grande significado económico, sendo um recurso fundamental para a população residente que tem a sua atividade económica diretamente ligada à Ria.

SALINAS

As salinas da Ria Formosa estendem-se por uma vasta área entre Loulé e Tavira e são responsáveis por cerca de metade da produção nacional de sal marinho. Embora talhadas sobre o sapal e à custa deste, as salinas são um *habitat* humanizado com interesse para a conservação da natureza, proporcionando refúgio, alimento e locais de nidificação para a avifauna, sendo a salicultura um exemplo de exploração sustentável dos recursos naturais.

O sal, essencial na alimentação humana, já era produzido na Ria Formosa pelos povos pré-romanos, que o usavam para a conservação do pescado ou em preparados de peixe que eram exportados para todo o Mediterrâneo, armazenados em ânforas. Na Idade Média, o sal foi produto de troca com todo o Norte da Europa e também com o Norte de África. Teve também um papel importante na indústria conserveira que floresceu na região nos séculos XIX e inícios do século XX. A partir de 1950 houve um declínio do preço do sal, o que levou ao abandono de muitas salinas. Este processo só viria a ser revertido já neste século, com a valorização das qualidades alimentares do sal produzido de forma artesanal e a criação de um selo de Denominação de Origem Protegida (DOP).

Na Ria Formosa coexistem dois tipos de exploração de sal. A exploração artesanal, onde todo o processo de preparação das marinhas e recolha do sal é feito manualmente, repetindo-se gestos ancestrais, e a exploração industrial, de grandes cristalizadores onde o sal é recolhido por máquinas, sendo depois lavado e processado.



Pesca - RTA



PESCA, MARISCAGEM E CULTURA DE BIVALVES

Sendo a Ria Formosa um refúgio para as espécies piscícolas em perigo (como os cavalos-marinhos, as enguias e as raias, entre outros) e maternidade para os juvenis de muitas outras espécies, a pesca dentro da Ria está limitada (Portaria n.º 560/90, de 19 de julho). Assim, a importância da Ria para a pesca profissional não decorre das capturas feitas na laguna, mas da relevante função de viveiro que esta preenche relativamente a espécies como sargos, ferreiras, robalos, douradas, safias e mucharras, entre outras.

A mariscagem é uma prática imemorial na Ria Formosa, atualmente exercida fora das áreas concessionadas aos viveiristas. Nos bancos naturais da Ria recolhem-se amêijoas, lingueirão, berbigão, ostras e alguns crustáceos, como camarão, caranguejos e navalheiras.

Esta simples recolha evoluiu para o cultivo em meados do século passado, quando se instalaram na Ria os primeiros viveiros de amêijoas e mais tarde de ostras. Atualmente existem cerca de 1300 viveiros licenciados, totalizando uma área de 450 ha, sendo visíveis, na baixa-mar, as estacas que os delimitam.

A conversão de viveiros de amêijoas-boa *Ruditapes decussatus* para ostras é atualmente motivo de



Amêijoas-boa *Ruditapes decussatus* - RTA

Cataplana de bivalves - TV



grande preocupação, tendo em consideração as estratégias de alimentação das ostras, mais vorazes que as amêijoas, principalmente a ostra japonesa *Crassostrea gigas* (espécie exótica), que pode por em risco a única população pura de amêijoas-boas existente na Ria Formosa.

O regulamento do PNRF proíbe a expansão da área de viveiros, pois a sua instalação obriga a “limpar o terreno”, ou seja, a devastar áreas de pradarias marinhas, destruindo a sua biodiversidade.

A Ria Formosa assegura cerca de metade da produção nacional de bivalves, resultando numa das atividades económicas de maior relevo social, que envolve diretamente cerca de 1500 pessoas e cerca de 8500 em atividades relacionadas.

São muito apreciados os pratos regionais que têm por base o marisco da Ria Formosa, como por exemplo o xarém, o arroz de marisco ou de lingueirão, a feijoada de búzios ou as amêijoas na cataplana.

A qualidade do marisco aqui produzido depende da qualidade das águas da Ria, a qual pode ser afetada por poluição difusa de origem continental e pelas atividades turísticas e lúdicas que ocorrem na Ria Formosa, sobretudo na época balnear.



Mariscador - JR



TURISMO

O turismo no Algarve, muito incipiente durante a primeira metade do século XX, viria a conhecer um forte crescimento na segunda metade, acabando por se tornar a principal atividade económica da região. Inicialmente o principal produto turístico era o chamado “Sol e Praia”, concentrando-se nos concelhos do litoral o alojamento e a pressão deste turismo massificado que, já na viragem do século diversifica para outros produtos turísticos como o golfe e o turismo de natureza.

A Ria Formosa tem um enorme potencial turístico e, se numa primeira fase o principal fator de atração eram as suas praias, a este se juntaram a observação de aves, as caminhadas e os passeios de barco, os desportos náuticos e outras atividades de recreio e lazer. Este seu encanto é também a sua maior fragilidade pois a pressão humana exercida sobre o ecossistema lagunar é enorme, principalmente no verão.

Observação de aves - JR



Passeio de barco - RTA

TRABALHOS AGRÍCOLAS

A área terrestre do Parque Natural da Ria Formosa, na margem continental da laguna, dispõe de bons solos agrícolas onde tradicionalmente se instalou o pomar de sequeiro composto por alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras e oliveiras e hortas em locais com disponibilidade de rega. O cultivo de citrinos, secular no Algarve, seria das primeiras culturas intensivas a instalar-se, obtendo água do lençol freático através de furos.



Laranjal - RTA



A construção da barragem de Odeleite e do sistema de Aproveitamento Hidroagrícola do Sotavento Algarvio, que na área do PNR se estende desde Cacela até à Fuseta, veio viabilizar a instalação, já neste século, de estufas e outras culturas de regadio, nos lugares anteriormente ocupados pelo pomar de sequeiro. Descaracterização da paisagem, perda de biodiversidade e lixiviação de agroquímicos para a laguna são alguns fatores decorrentes da agricultura intensiva praticada na área do perímetro de rega.



PERCURSOS PEDESTRES

TRILHO DE SÃO LOURENÇO

Percurso muito aliciante para observação de aves pela presença de três *habitats* distintos – sapal, mata e lagoa de água doce.

Ao longo do caminho entre o sapal e o campo de golfe podem-se observar diversas aves aquáticas, especialmente limícolas. No final deste troço, o caminho aproxima-se do percurso do Ludo, beneficiando do observatório de aves aí existente. Segue-se a mancha de pinhal manso com subcoberto de aroeira *Pistacia lentiscus* e esteva *Cistus ladanifer* e aromáticas como

os tomilhos e o rosmaninho *Lavandula stoechas* e aves como a pega-azul *Cyanopica cooki* ou a poupa *Upupa epops*. No lago de água doce, no troço final da ribeira de São Lourenço, outro observatório de aves permite ótimas observações de diversas espécies, como galeirões *Fulica atra*, galinha-d'água *Gallinula chloropus*, marrequinha *Anas crecca*, galinha-sultana *Porphyrio porphyrio* ou mergulhão-pequeno *Tachybaptus ruficollis*, entre outras.

No final do percurso encontram-se as ruínas de tanques de salga de peixe da época romana (séc. II d. C.).

Ponto de partida e de chegada:

Frente à ponte de madeira que liga a Quinta do Lago à península do Ancão.



GPS: 37° 01'41.76" N 8° 01'15.72" W

Tipo: pedestre e BTT

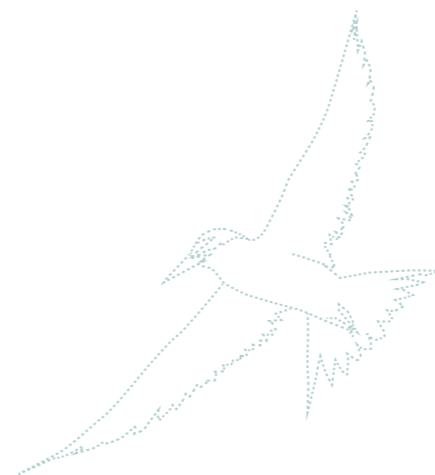


Itinerário: linear Extensão: ida e volta: cerca de 3 km

Duração média: 1h30 a 2 h

Dificuldade: fácil

Apoios: percurso sinalizado, observatórios de aves.



Abelharuco
Merops apiaster



Quinta do Lago - HR



Galinha-d'água *Gallinula chloropus* - HS



Pato-real *Anas platyrhynchos* - RJ



Flamingos *Phoenicopterus roseus* - AG



Mergulhão-de-poupa *Podiceps cristatus*



Phoenicopterus roseus, colhereiros *Platalea leucorodia* e várias espécies de patos, de garças e de limícolas.

Destaque também para a ribeira de São Lourenço, que desagua na Ria Formosa e cuja vegetação marginal é muito importante para abrigo e alimentação da fauna. A vegetação ribeirinha inclui espécies como as tabúas *Typha sp.*, a tamargueira *Tamarix africana* e o caniço *Phragmites australis*. Ocorrem aqui anfíbios como o sapo-parteiro-ibérico *Alytes cisternasii* e as duas espécies de cágados nativas de Portugal: cágado-mediterrânico *Mauremys leprosa* e cágado-de-carapaça-estriada *Emys orbicularis*.

PERCURSOS DO LUDO

Os percursos do Ludo desenvolvem-se através de diferentes *habitats* – sapal, esteiros, salinas, caniçal, vegetação ribeirinha e pinhal – correspondendo a cada um deles uma flora e fauna distintas e identificada nas estações existentes ao longo dos percursos.

Destaque para a avifauna, não fosse o Ludo uma das zonas mais importantes do Algarve para as aves aquáticas, sejam elas nidificantes, invernantes ou migradoras pós-nupciais. Assim, dependendo da época do ano, podem-se observar flamingos

Ponto de partida e de chegada: partida/chegada por Quinta do Eucalipto/caminho do Ludo: 37° 01' 45.86" N 7° 58' 29.71" W ou salinas do Ludo: 37° 01' 00.59" N 7° 59' 17.97" W

Tipo: pedestre e BTT



Itinerário: dois percursos lineares que se intercetam.

Extensão: (ida e volta) Caminho do Ludo - de 5 a 7 km
Salinas do Ludo - 5 km

Duração média: variável

Dificuldade: fácil

Apoios: percurso sinalizado, observatório de aves.



PERCURSO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE MARIM

O Centro de Educação Ambiental de Marim (CEAM) é um espaço vocacionado para a educação ambiental na região do Algarve. Está instalado numa antiga quinta agrícola, à beira-ria, e dispõe de um centro de interpretação da Ria Formosa e de um percurso de visita com 23 estações – sapal, dunas, viveiros de bivalves, pinhal, ruínas romanas, nora, moinho de maré, entre outras – ao longo do qual o visitante ficará a conhecer a



maioria dos *habitats* que compõem o PNRF, alguma da sua fauna e flora e a marca dos homens na paisagem. Merece-nos uma referência especial o camaleão *Chamaeleo chamaeleon*, um réptil que em Portugal só existe no litoral algarvio, e passeriformes abundantes no CEAM como a pega-azul *Cyanopica cooki*, o melro-preto *Turdus merula* e o chapim-real *Parus major*. A avifauna aquática pode ser vista a partir dos dois observatórios existentes, um deles virado para o sapal de onde se avistam várias limícolas e, o outro, sobre um charco de água doce, onde ocorrem sobretudo anatídeos e garças.

Ponto de partida e de chegada:

Portão do CEAM



GPS: 37°1'58.63 N 7°49'18.42 W

Tipo: pedestre



Itinerário: circular

Extensão: 2,5 km

Duração média: 1h30 a 2 h

Dificuldade: fácil

Apoios: percurso sinalizado, 2 observatórios de aves, parque de merendas, Centro de Interpretação da Ria Formosa e centro de informação do RIAS.



Percurso CEAM - RTA

Nora - AM



Cegonha-branca, garça-branca e pernilongo vistos a partir do observatório sobre o charco de água doce - HS

Rola-do-mar *Arenaria interpres* - AG



Ilha Deserta - RTA

Narciso-das-areias *Pancratium maritimum* - JR

PERCURSO DA ILHA DA BARRETA (OU ILHA DESERTA)

É nesta ilha que se localiza o ponto mais a sul de Portugal Continental, o Cabo de Santa Maria. Aqui, as construções existentes são apenas os apoios de pesca e o apoio de praia.

O percurso permite a visualização de espaços característicos da Ria Formosa – praia, dunas e sapal. Caminhando pela praia, podem observar-se aves marinhas como gaivotas, garajaus e limícolas invernantes

(outubro a março) como o pilrito-das-praias *Calidris alba* e a rola-do-mar *Arenaria interpres*. Na zona dunar o percurso faz-se por um passadiço sobrelevado para evitar o pisoteio da vegetação, onde ocorrem espécies como o narciso-das-areias *Pancratium maritimum*, que ostenta vistosas flores brancas na primavera e verão e o estorno *Ammophila arenaria*, que com as suas longas raízes ajuda a edificar a crista dunar. No sapal observa-se a presença de inúmeras aves limícolas que se alimentam na vasa em maré baixa.

Ponto de partida e de chegada:
Pontão da Ilha Deserta
(barco para a ilha a partir de Faro).

Tipo: pedestre

Itinerário: circular Extensão: 3 km

Duração média: 2 h Dificuldade: fácil



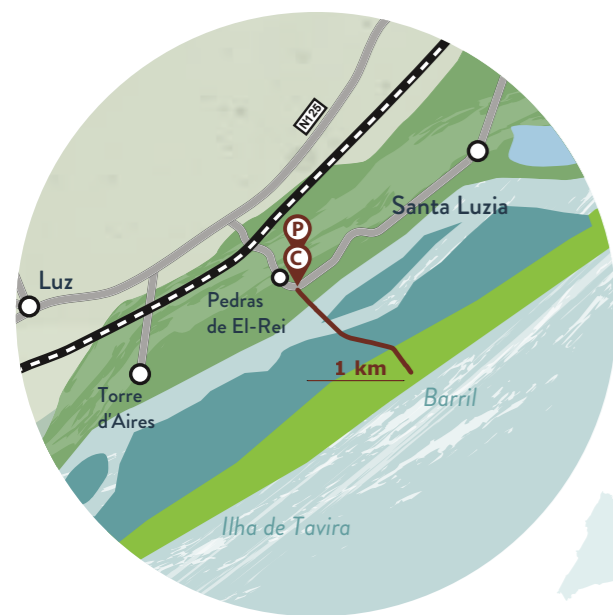
Percurso -





TRILHO DA PRAIA DO BARRIL (ILHA DE TAVIRA)

A primeira metade do percurso atravessa os sapais da Ria Formosa. À beira do caminho cresce em abundância o *Limoniastrum monopetalum*, um arbusto de floração lilás. Espécies típicas do sapal como o caranguejo boca-cava-terra *Uca tangeri* e aves como garças, pilritos, borrelhos e pernilongos são facilmente observáveis, sobretudo na maré baixa. Ao sapal segue-se a zona dunar onde a perpétua-das-areias *Helichrysum italicum* domina a paisagem, exibindo flores amarelas de intenso



odor a caril na estação seca. No final do passadiço encontra-se o Arraial do Barril, agora adaptado a apoio de praia. Entre 1841 e 1966 esteve instalada nesta praia a “armação do Barril”. Deste património marítimo subsistem no local o “cemitério de âncoras” e o arraial, onde residiam os pescadores e suas famílias de abril a setembro. Viviam da pesca do atum, que passa ao largo em migração para o Mediterrâneo (“atum de direito”) e de volta para o Atlântico (“atum de revés”). A linha de comboio aí existente foi construída há cerca de cem anos, para servir a armação de pesca.

Ponto de partida e de chegada:

Pedras D´El Rei, após a ponte pedonal de acesso à Praia do Barril.



GPS: 37° 05'35.02 N 7° 40'30.79" W

Tipo: pedestre



Itinerário: linear

Extensão: ida e volta 3 km

Duração média: 30 min

Dificuldade: fácil



Barril, Ilha de Tavira - HR

Cemitério de âncoras - praia do Barril - JR



Limoniastrum monopetalum - RTA



Cacela Velha - HR

PONTOS DE INTERESSE

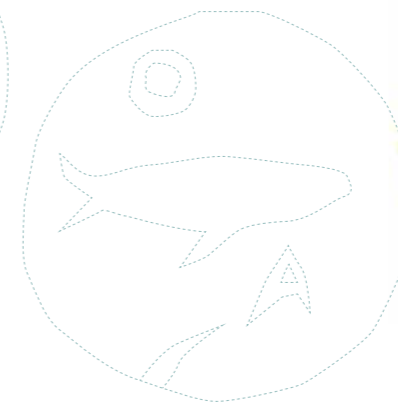
A área onde se desenvolve o PNRF tem uma ocupação humana milenar atestada pelos vestígios arqueológicos, pelas paisagens humanizadas e pelos usos e tradições.

Na Idade do Ferro, as cidades portuárias pré-romanas de Tavira e Faro mantinham intensos contactos comerciais com os povos do Mediterrâneo. Técnicas como a redução do ferro, a roda de oleiro, a produção de azeite e de vinho e a tinturaria foram trazidas pelos fenícios. Também a pesca e a indústria de salga de peixe conheceram nesta época um grande desenvolvimento.

Mais tarde, a **romanização** do Algarve marcou profundamente o território. As cidades romanas, exemplos de “civilização”, possuíam fórum (centro político e religioso)

e termas com água canalizada. Assistiu-se a uma intensificação da agricultura e à instalação nos campos de explorações rurais de cariz senhorial, as *villae*. Na área do PNRF destacam-se a cidade de Balsa, no concelho de Tavira e a *villa* de Marim, propriedade agrícola de grandes dimensões, que incluía áreas de habitação, templo, balneários e cemitério. Parte deste complexo, os tanques de salga de peixe, está integrado no percurso do Centro de Educação Ambiental de Marim.

A presença árabe revela-se nas hortas e pomares de citrinos, nas alfaias, nas azenhas e **noras** e na pesca, com as almadras para a pesca do atum, que se mantiveram no Algarve até meados do século passado.



Praia do Barril - DS

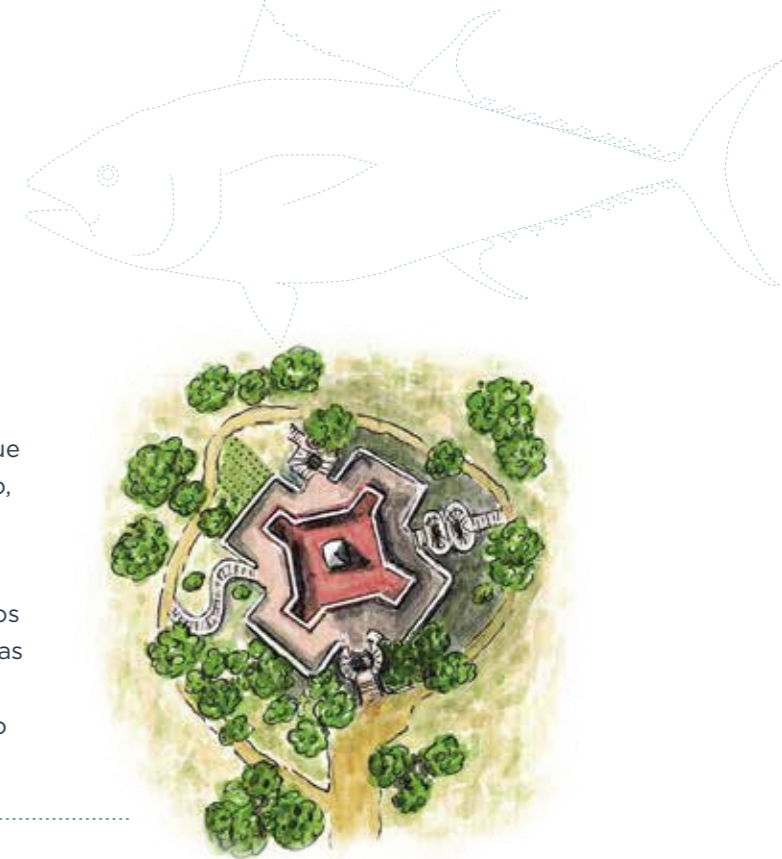


Cacela Velha - HR

Salinas e antigo Arraial Ferreira Neto, Tavira - DS

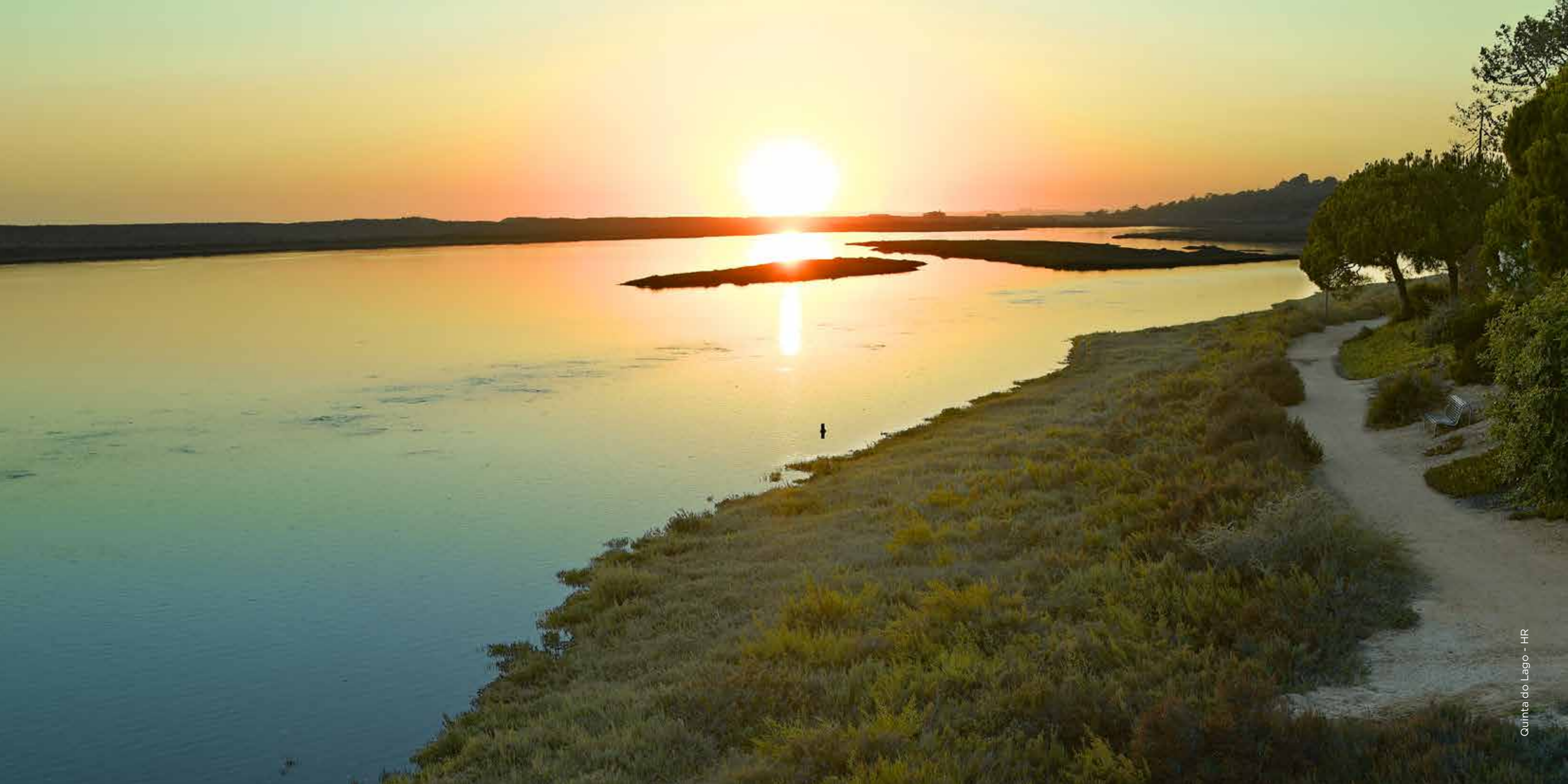
No século XVI, a pesca do atum e da sardinha e o comércio do sal eram atividades em crescimento no Algarve, muito ligadas à expansão marítima. Localizaram-se na Ria Formosa várias armações, de que hoje apenas restam os arraiais do Barril e Ferreira Neto, em Tavira, ambos transformados em equipamentos turísticos.

Na área do Parque Natural, as marcas dos antepassados são muitas e variadas, desde as torres de vigia e atalaias (Torre d'Aires e de Bias) a fortalezas ao longo da Ria para defesa costeira (Forte do Rato, Forte de São João da Barra e Forte de Cacela), casas apalaçadas como o *Chalet Dr. João Lúcio*, quintas rurais, capelas, ermidas, igrejas, moinhos de maré, noras, entre outros.



O núcleo histórico de **Cacela Velha**, classificado como imóvel de interesse público, é um dos mais importantes e bem preservados conjuntos patrimoniais do Algarve. Foi entreposto comercial pré-romano e base militar do Império Romano, mas o seu apogeu foi atingido durante a época islâmica em que foi fortaleza ribeirinha, de inegável relevância estratégica à entrada da Ria Formosa, cujo estatuto era superior ao de Tavira.

De origem medieval, com épocas de construção diversas, inclui fortaleza; igreja, com portal renascentista; casa da Misericórdia (século XIII); Casas da Câmara, século XVI; edifício da cadeia; cisterna medieval e cemitério antigo.



Da visita ao nosso parque natural...

LEVE APENAS BOAS RECORDAÇÕES E FOTOGRAFIAS



DEIXE APENAS PEGADAS E SAUDADES



CAMINHE PELOS TRILHOS EXISTENTES



NÃO COLHA PLANTAS



NÃO PERTURBE OS ANIMAIS



NÃO FUME NEM FAÇA FOGO



COLOQUE O LIXO NOS RECIPIENTES PRÓPRIOS



CONSULTE O CÓDIGO DE CONDUTA E
BOAS PRÁTICAS DOS VISITANTES DAS ÁREAS PROTEGIDAS



(em: <https://www.icnf.pt/api/file/doc/dec9fe218d76ab5f>)

FICHA TÉCNICA:

Contactos do Centro de Educação
Ambiental de Marim
Quelfes 8700-194 Olhão
Telefone: (+ 351) 289 700 210
Fax: (+ 351) 289 700 219
Email: DRCNF.Algarve@icnf.pt
www.icnf.pt

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

Região de Turismo do Algarve (RTA)
turismoalgarve@turismoalgarve.pt
www.visitalgarve.pt

Sede: Av. 5 de Outubro, 18
8000-076 Faro, Algarve, Portugal
Telefone: (+351) 289 800 400
Fax: (+351) 289 800 489

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Área de Comunicação e Imagem (RTA)
marketing@turismoalgarve.pt
Texto: Ana Xavier
Revisão científica: Patrícia Simões, Paula Martins e
Ana Quaresma
Revisão de Texto: Área de Comunicação e Imagem (RTA)
Fotografias: DS - David Santos, AG - Agostinho Gomes,
JR - João Rodrigues, MC - Miguel Correia, HS - Henri
Sastre, RJ - Rui Jorge, JP - João Pinto, PM - Paula Martins,
RTA - arquivo Região de Turismo do Algarve, TV - Telma
Veríssimo, HR - Hélio Ramos e AM - Armando Moura
Fotografia capa: AG - Agostinho Gomes
Fotografia contra-capa: JR - João Rodrigues
Ilustrações: Ana Paula Gaspar
Conceção Gráfica: Bloco D, Design e Comunicação, Lda.
Impressão: Multiponto, SA
Tiragem: 2550 exemplares
Distribuição: gratuita
Depósito Legal: 482578/21
1.ª edição 2021

Promotor



Apoio



Parceiros





PT/2021

© Região de Turismo do Algarve

www.visitalgarve.pt